

ANA MARIA CAMPOS CORADO

**ABORDAGEM PIKLER: CONTRIBUIÇÃO PARA A APRENDIZAGEM
E O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA COM NECESSIDADES DE
INCLUSÃO VISANDO A SUA EFETIVAÇÃO NA EDUCAÇÃO
INFANTIL**

GOIÂNIA

2021

ANA MARIA CAMPOS CORADO

**ABORDAGEM PIKLER: CONTRIBUIÇÃO PARA A APRENDIZAGEM
E O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA COM NECESSIDADES DE
INCLUSÃO VISANDO A SUA EFETIVAÇÃO NA EDUCAÇÃO
INFANTIL**

Monografia elaborada para fins de avaliação total de trabalho de conclusão do Curso de Pedagogia, da Escola de Formação de Professores e Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Professora Orientadora: Ma. Suely Maria da S. Amado

GOIÂNIA

2021

ANA MARIA CAMPOS CORADO

**ABORDAGEM PIKLER: CONTRIBUIÇÃO PARA A APRENDIZAGEM E O
DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA COM NECESSIDADES DE INCLUSÃO
VISANDO A SUA EFETIVAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Apresentação de TCC, na modalidade de Monografia, do Curso de Pedagogia, da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Prof.^a Orientadora: Ma. Suely Maria da S. Amado _____

Conteúdo: (até 7,0)_____ ()

Apresentação Oral: (até 3,0)_____ ()

Prof.^a Convidada: Márcia Helena Santos Curado _____

Conteúdo: (até 7,0)_____ ()

Apresentação Oral: (até 3,0)_____ ()

Nota final: _____ ()

Goiânia2021

DEDICATÓRIA

Á todas as pessoas que contribuíram ao longo da
minha jornada acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Á minha mãe, Neusa Campos Corado e meu pai Marcos Alberto Corado, por me dar todo o suporte necessário para chegar até aqui e vibrarem com o direito de concluir Ensino Superior!

Á minha irmã Anna Carolina, amiga e companheira presente em todos os momentos.

Ao meu namorado Matheus pelo companheirismo, confiança, parceria e paciência e apoio aos meus estudos.

Ao meu psicólogo, Jucinelio Lobo por todo o cuidado e apoio. Sem ele, realmente não teria chegado até aqui.

Á todas/os professoras/es que contribuíram com a minha formação acadêmica durante estes anos na PUC/GO, em especial: Adriane Camilo Costa, Alexandre Nardini, Ângela Dantas, Marcilene Pelegrine Gomes, Norma Aparecida Cardoso, Pollyanna Rosa Ribeiro, Raquia Rabelo Rogeri Isac e Salete Flores Castanheira.

Á querida professora Márcia Helena Santos Curado, por integrar a banca examinadora e por inspirar o tema dessa pesquisa com suas excelentes e comprometidas aulas.

As minhas colegas de turma Indielly Flores Figueiredo e Keila dos Reis Vieira, pelos anos de paciência, convivência e amizade. Vocês ficarão para sempre na minha memória.

Á admirável professora Suely Amado, pelo seu profissionalismo, competência, auxílio e cuidado acadêmico e afetivo na orientação desse trabalho.

“O que o outro que é diferente, desafia o seu modo
de viver?”
(DUARTE, ALEX, 2021)

ABORDAGEM PIKLER: CONTRIBUIÇÃO PARA A APRENDIZAGEM E O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA COM NECESSIDADES DE INCLUSÃO VISANDO A SUA EFETIVAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Anna Maria Campos Corado*

Suely Maria da S. Amado**

RESUMO: O presente Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia, com o título “Abordagem Pikler: contribuição para a aprendizagem e o desenvolvimento da criança com necessidades de inclusão visando a sua efetivação na Educação Infantil.”, tem como objetivo analisar a Abordagem Pikler, visando compreender o desenvolvimento infantil no processo de aprendizagem na Educação Infantil na primeira infância. A metodologia serviu de diretrizes para a pesquisa bibliográfica e a escrita desta monografia. Utilizou-se as obras, documentos, textos acadêmicos e artigos científicos que tratam da temática. Os autores principais foram Judit Falk (2011), Zilda de Moraes Ramos de Oliveira (2011), Suzana Soares (2021), Alex Duarte (2021). Portanto, esta pesquisa teve o intuito de estudar e aprofundar o eixo norteador histórico da pediatra Emmi Pikler e sua contribuição para a primeira formação da criança. Também foi aprofundando a questão de inclusão na sociedade e na escola, e a diferença entre a autonomia de aprendizagem e a autonomia de vida, e a visão do autor Alex Duarte de como tratar a inclusão e fazendo a relação com a Abordagem Pikler, como uma forma de empoderar as pessoas e acabar com a ideologia do capacitismo, que discrimina pessoas com deficiência e hierarquiza a relação entre as pessoas em função da adequação de seus corpos a um ideal de beleza e capacidade. Infelizmente as pessoas reproduzem o vocabulário capacitista sem atentar-se que é uma ação violenta e negacionista funcional.

Palavras-chaves: Emmi Pikler, Abordagem, Inclusão, Autonomia, Criança, Capacitismo.

* Acadêmica do Curso de Pedagogia, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

** Professora da PUC Goiás, Mestre, orientadora.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	8
CAPÍTULO 1	
A EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO CONCEITO DE CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	10
1.1 A história da Educação Inclusiva no Brasil começa desde a década de 1970aos dias atuais.....	11
1.1.1 Educação Inclusiva e a autonomia	14
1.2 Diferenciar autonomia de aprendizagem e autonomia de vida	14
CAPÍTULO 2	
HISTÓRICO DA PEDIATRA E PROFESSORA EMMI PIKLER E SUA CONTRIBUIÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	16
2.1 O início do Instituto Lóczy.....	16
2.2 Abordagem Pikler	17
2.2.1 Como promover um cuidado sem que este seja mecânico? Como proporcionarafeição e cuidado no mesmo momento?	18
2.2.2 O tônus corporal, a mímica, os gestos e os movimentos do bebê	19
2.2.3 A criança e o brincar livre.....	20
CAPÍTULO 3	
UM OLHAR SOBRE A ABORDAGEM PIKLER.....	25
3.1 Emmi Pikler (1943) e Jan Piaget (1978)	25
3.2 Emmi Pikler (1943) e Vygotsky (2001).....	26
3.3 Como a Abordagem Pikler pode efetivar o desenvolvimento da autonomia ea efetivação da inclusão na Educação Infantil?	27
3.3.1 Porque se usa o vocabulário capacitista?.....	29
3.3.2 Como trazer a desconstrução junto à Abordagem Pikler	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	34

APRESENTAÇÃO

Esta monografia discorre sobre a Abordagem Pikler: contribuição para a aprendizagem e o desenvolvimento da criança com necessidades de inclusão visando a sua efetivação na Educação Infantil, procura-se aprofundar, compreender e dialogar com a Abordagem Pikler (1943) sobre o desenvolvimento dos bebês e das crianças bem pequenas com necessidade de inclusão usando a sua abordagem.

A partir da identificação das propostas teóricas de Emmi Pikler (1943), me disponibilizei a fazer o curso há 08 meses para me aprofundar e dominar a sua abordagem teórica. Durante a pesquisa procurei fazer análises dos princípios norteadores do Instituto Lóczy, dirigido pela autora e vividos nas décadas de 1950. Para refletir sobre a prática educativa em um contexto de Educação Infantil e quais os benefícios que esta prática pode trazer para as crianças com a necessidade de inclusão, foi o que me propus aprofundar teoricamente para trabalhar nesta área como futura pedagoga. Na Abordagem Pikler o professor precisa incentivar as crianças a adquirir a aprendizagem e autonomia.

A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, em que se buscou estudar e analisar através de livros, artigos científicos, revistas e publicações, o aprofundamento sobre a temática. A partir do estudo e reflexão sobre a Abordagem Pikler e sobre inclusão e capacitismo, ficou evidente a necessidade do olhar do adulto para que saiba organizar possibilidades de desafios para que a criança consiga ter um processo de desenvolvimento entre a aprendizagem-autonomia, sem que esses posicionamentos sejam impostos, mas que eles sejam explorados e desejados por elas, assim se tornando curiosidades e ao mesmo tempo um saber genuíno e autônomo.

Nos fundamentos Teóricos é abordado o histórico do conceito de criança; o histórico da pediatra Emmi Pikler e sua contribuição na Educação Infantil; o conceito de inclusão; saber diferenciar autonomia de aprendizagem e autonomia de vida; a diferença entre Emmi Pikler e Piaget; Emmi Pikler e Lev Semenovitch Vigotsky; e a Abordagem Pikler.

O Primeiro Capítulo aborda o conceito de criança e como evoluiu historicamente, e a importância da Educação Inclusiva ser inserida no espaço educativo durante o processo de desenvolvimento do bebê e da criança. Neste espaço também traz a relação entre a Educação Inclusiva e a conquista da

autonomia e a diferença entre a autonomia de vida e a de aprendizagem. No Segundo Capítulo é discorrido o histórico da pediatra Emmi Pikler, como as suas observações que começaram dentro do hospital e sua contribuição para a Educação Infantil, como iniciou seu trabalho no Instituto Lóczy, como desenvolveu e se tornou conhecida como Abordagem Pikler e quais eram os principais pontos para que sua Abordagem fosse desenvolvida com total êxito. No Terceiro Capítulo faz-se uma relação de Emmi Pikler com Jean Piaget (1978) e com Lev Semionovitch Vygotsky (2001). Com um olhar mais pedagógico mostra-se como a Abordagem Pikler pode efetivar a autonomia, a inclusão e o não capacitismo com as crianças na Educação Infantil. Assim, é mostrado que muitas vezes a atitude e vocabulário capacitismo desestimula a criança. Se supostamente aliarmos a Abordagem Pikler com a desconstrução do capacitismo desde a primeira infância pode-se efetivar a inclusão e a autonomia da criança na Educação Infantil para garantir, no futuro, adultos autônomos, independentes e capacitados intelectualmente.

CAPÍTULO 1

A EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO CONCEITO DE CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Desde a Constituição de 1988, a Educação Infantil é direito de todas as crianças de 0 a 5 anos. Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB): Art. 29. A Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013).

Diante dessa definição o primeiro aspecto a ser considerado nesta reflexão se refere às concepções de criança, de infância e educação que historicamente marcaram a educação no Brasil. A autora Zilda de Moraes (2011) ao conceituar as creches brasileiras nas últimas décadas, conceito não mais utilizado no século XXI que são cada vez mais procuradas nas últimas décadas, porque além de ser um direito das crianças, acaba sendo um conforto para as famílias e uma necessidade aos pais que precisam trabalhar e sustentar os seus lares. Sabe-se, no entanto, que os profissionais da área da educação com a tradição pedagógica que as grandes instituições de ensino seguem e estudam, estas parecem ainda não terem compreendido as necessidades dos bebês e das crianças bem pequenas, deixando a desejar no seu desenvolvimento.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, (BRASIL, 2013, p. 86), a definição de criança é:

Criança é um sujeito histórico e de direitos, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.

Historicamente bebês e crianças bem pequenas são seres passivos e incapazes de produzir autonomia. Contudo, pais e professores acham que na Educação Infantil (creches e berçários) exige-se apenas cuidado com a higiene e alimentação, praticados diariamente pelos professores para com os bebês e crianças bem pequenas, não tem importância para seu desenvolvimento integral. Mesmo sendo um grande desafio, até mesmo no contexto histórico, abordar a

pedagogia com os bebês e com as crianças bem pequenas, e para provar que o cuidado é de grande relevância no seu desenvolvimento cotidiano. É importante que os educadores da Educação Infantil e principalmente do berçário tenha a consciência da sua responsabilidade pelo cuidado pedagógico direto dessas crianças.

1.1 A história da Educação Inclusiva no Brasil começa desde a década de 1970 aos dias atuais

Segundo Carvalho (1999), a discussão sobre o direito à educação para todos os brasileiros foi estabelecida na Constituição de 1824, na época do Brasil Império, ressaltando que a palavra “todos” definia apenas pessoas brancas. Inicia-se nesta Constituição a inclusão do negro alforriado a ter direito ao acesso à educação formal. Para Carvalho (1999), as Constituições brasileiras de 1934, 1937 e 1946, da mesma maneira, garantiam a todos o direito à educação. Em 1948, a Declaração Universal dos Direitos do Homem, aprovada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, afirma o princípio da não-discriminação e proclama o direito de toda pessoa à educação. Portanto, Carvalho (1999) afirma que em 21 de abril de 1959, na Assembleia Geral das Nações Unidas foi aprovado a Declaração dos Direitos da Criança, assegurando, no seu Princípio 7º:

Fornecer à criança o direito a educação, gratuita e compulsória pelo menos no grau primário; Educação capaz de promover a sua cultura geral e capacitá-la a, em condições de iguais oportunidades, desenvolver as suas aptidões, sua capacidade de emitir juízo e seu senso de responsabilidade moral e social; dá-la a oportunidade de brincar e se divertir.

Para Carvalho (1999) o texto constitucional (1988) igualmente consagra, no Art. 205, a educação como direito de todos e dever do Estado e da família. No Art. 206, podemos destacar princípios eminentemente democráticos, cujo sentido é nortear a educação, tais como: a igualdade de condições não só para o acesso, mas, também, para a permanência na escola; a liberdade de aprender, ensinar e divulgar o pensamento; o pluralismo de ideias e concepções pedagógicas; a coexistência de instituições públicas e privadas; a existência de ensino público gratuito e a gestão democrática do ensino público.

Para aprofundar esta pesquisa se fez necessário compreender, a partir dos Documentos e autores o significado da palavra inclusão, e quais são os direitos das crianças segundo as Leis que as defendem. Define-se “inclusão” como “ato ou efeito de incluir (-se); introdução de uma coisa em outra, de um indivíduo em um grupo; inserção.”; “Política educacional que consiste em incluir indivíduos com necessidades especiais em turmas consideradas regulares, fazendo-os participar de atividades não só educacionais, mas também comunitárias, esportivas e sociais.” (MICHAELIS, 2021).

[...] Inclusão é um bem comum, uma questão de ética, um posicionamento, um olhar, uma atitude, um compartilhar e conviver em um mesmo tempo e espaço. É ver o todo olhando para o individual, é destacar a diferença, sem enfatizar o diferente. [...] (MARTINS; STERNBERG; ROZEK, 2019, p. 18).

Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)/1996

Art.58. Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação. [...] (BRASIL, 2013. Redação dada pela Lei nº 12.796).

Percebe-se na teoria de Martins; Sternberg; Rozek (2019), da LDB (1996) e do Dicionário Michaelis (2021) que o conceito de inclusão é perceber o sujeito em sua totalidade e especificidade, com olhar pedagógico à suas necessidades especiais e específicas. Precisa-se compreender e conhecer, que necessidades especiais dizem respeito a um conjunto de fatores, de risco ou de ordem intelectual, emocional e física, que podem afetar a capacidade do indivíduo em atingir o seu desenvolvimento cognitivo, motor e sua própria autonomia de aprendizagem.

Vygotsky (1996) ao desenvolver seus estudos sobre “fundamentos da defectologia”, criou o conceito de compensação social e biológica, no qual ele dizia “que não precisamos saber só qual doença a pessoa tem, mas qual pessoa tem a doença, e relacionava isso com a deficiência. Para Vygotsky não é importante conhecer só o defeito, mas que criança tem tal defeito”. Para o autor haveria uma compensação biológica, que ao perceber uma “falta”, o cérebro “supriria” com outra função “a mais”, como se fosse uma super recompensa e o social e a interação que iria causar essa reação no cérebro.

Como afirma a Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) no artigo 7:

Todos são iguais perante a lei e têm direito, sem qualquer distinção, a igual proteção da lei. Todos têm direito a igual proteção contra qualquer discriminação que viole a presente Declaração e contra qualquer incitamento a tal discriminação. (DUDH, 1948).

Percebe-se que os sistemas educacionais devem ser projetados e os programas educativos implementados de tal forma a considerar a ampla diversidade dessas características e necessidades. As escolas devem acomodar todos os alunos independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras. O desafio para uma escola inclusiva é o de desenvolver uma pedagogia centrada no aluno, capaz de educar com sucesso a todos. O princípio fundamental da escola inclusiva consiste em que todas as pessoas devem aprender juntas, onde quer que isto seja possível, não importa quais dificuldades ou diferenças elas possam ter. Portanto, escolas inclusivas precisam reconhecer e responder às necessidades diversificadas de seus alunos, acomodando diferentes estilos e ritmos de aprendizagem e assegurando a educação de qualidade para todos mediante currículos apropriados, mudanças organizacionais, estratégias de ensino, uso de recursos metodológicos e parcerias com suas comunidades.

É importante ressaltar que os currículos devem ser adaptados às necessidades dos alunos e não o inverso. As escolas devem, portanto, oferecer oportunidades curriculares que se adaptem aos alunos com diferentes interesses e capacidades. A fim de acompanhar o progresso de cada aluno, os procedimentos de avaliação devem ser revistos. Se faz necessário que os professores atenderem, os alunos com necessidades de inclusão, devem oferecer diferentes formas de apoio pedagógico, desde uma ajuda mínima na sala de aula, até programas adicionais de apoio à aprendizagem na escola, bem como a assistência de professores especialistas e de equipe de apoio externo.

Voltando ao tema central desta pesquisa, percebe-se que para que ocorra a inclusão de bebês e crianças com necessidades de inclusão, devemos pensar de uma forma com que eles comecem a conquistar através da aprendizagem institucional sua própria autonomia, e consigam desenvolver-se independentemente de qualquer dificuldade que apresente. O professor deve ter claro o conceito das

necessidades especiais, da inclusão e também como iniciar, através dos trabalhos pedagógicos, a autonomia da criança.

1.1.1 Educação Inclusiva e a autonomia

A Educação Inclusiva deve ter um currículo e planejamento pedagógico que destaca as atividades desenvolvidas no berçário e nas salas de aula da Educação Infantil, destacando como trabalhar de forma a atender as necessidades específicas de cada criança que se enquadra na proposta de inclusão. Estas atividades devem ser adaptáveis, flexíveis e desafiadoras para atender todas as crianças. Para ter clareza destas atividades de inclusão Emmi Pikler (1943) diz em sua Abordagem que os bebês desde os três meses de idade já são capazes de começar a desenvolvê-la e de atuar no mundo externo.

Para compreender o conceito de autonomia procuramos a definição de J. Piaget que mostra o comportamento para com outro, a criança passa de uma moral heterônoma (sujeito a uma lei exterior ou à vontade de outrem) para uma moral autônoma. Para Piaget a autonomia é correlativa a construção da identidade (DORON; PAROT, 2001, p. 102). Autonomia para Kant é designar a independência da vontade em relação a qualquer desejo ou objeto de desejo a sua capacidade de determinar-se em conformidade com a lei própria, que é a da razão. (ABBAGNANO, 2000, p. 97) “Autonomia é a faculdade de se governar por si mesmo. Direito ou faculdade que tem uma nação de se reger por leis próprias.” (FERREIRA, 2010, p. 81). Como se vê o conceito de autonomia é uma conquista do próprio sujeito aprendente.

1.2 Diferenciar autonomia de aprendizagem e autonomia de vida

O professor tem que entender que a criança irá conquistar a autonomia da aprendizagem durante um processo que deverá ser respeitado pelo adulto, este processo é diferente de obter uma autonomia de vida. Quando se trata da criança que apresenta necessidades de inclusão é preciso de um trabalho pedagógico que garanta a sua inclusão no processo social e de aprendizagem. Sabe-se que esta precisará, algumas vezes, de alguém ao seu lado para orientar ou mediar algumas situações, não podendo ser totalmente independente. Esta questão que se levanta é

o que mais dificulta os pais a entenderem que os filhos conseguem sim ter a autonomia da aprendizagem e do desenvolvimento, sem que eles os deixem “largados ao leão”. Precisam acreditar e capacitar seus filhos e lhe darem a segurança de que se algo acontecer eles irão ajudar, porém acreditar e potencializar as suas motricidades, capacidades e habilidades, para que consigam resolver sozinhos e não precisem o tempo todo de apoio e mediação, isso significa a conquista diária da própria autonomia.

Investiu-se em um ensino com vistas à autonomia e à autoria: autonomia para buscar o conhecimento com segurança e autoria para produzir situações significativas para a vida atual e futura. (MARTINS; STERNBERG; ROZEK, 2019, p. 17).

CAPÍTULO 2

HISTÓRICO DA PEDIATRA E PROFESSORA EMMI PIKLER E SUA CONTRIBUIÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Emmi Pikler nasceu em Viena em 1902, filha de uma professora e de um artesão. Na época a Hungria era do Império Austro-húngaro, então ela tinha a cidadania da Hungria. Com 6 anos ela se mudou para Budapeste, com 12 anos sua mãe faleceu e mais tarde voltou para Áustria para fazer medicina, se especializou em Ortopedia e Pediatria e obteve sua licença como pediatra, em 1922. Quando completou 20 anos de idade, iniciou sua profissão de médica pediatra no Hospital Universitário com o médico Pirquet em Viena. Foi com ele que Pikler aprendeu a respeitar as crianças, sua sensibilidade e receptividade poderia colaborar com as ações dos adultos que as tutelavam, aprendeu a valorizar os movimentos livres das crianças e percebeu que as ocorrências de acidentes recebidas no hospital, na maioria eram de família abastada, pois tinham um cuidado excessivo com as crianças, e aquelas que eram criadas mais soltas, tinha menos probabilidade de se acidentarem. Trabalhou também como pediatra familiar, cuidando de mais de 100 crianças por mais de 10 anos e desenvolvendo seu próprio modelo de educação.

2.1 O início do Instituto Lóczy

Em 1931 Emmi Pikler começou a aplicar suas ideias teóricas em sua filha desde seu nascimento. A motricidade livre, de brincar a partir da própria iniciativa. Ela acreditava muito nas ideias da Escola Nova e também nas ideias de alguns estudos da psicanálise. Depois de 10 anos trabalhando dessa forma, como médica de família, ela escreve seu primeiro livro “O que sabe fazer seu bebê”. Essa obra não se encontra mais, mas foi a obra em que guiou o restante de sua trajetória. Segundo Falk citado por Dallelone; Coutinho (2020),

Emmi Pikler estava convencida de que a criança que pode mover-se com liberdade e sem restrições é mais prudente, já que aprendeu a melhor maneira de cair; enquanto a criança superprotegida e que se move com limitações têm mais riscos de acidentes porque lhe faltam experiências e desconhece suas próprias capacidades e seus limites. (FALK apud DALLELONE; COUTINHO, 2020, p. 50).

Na Hungria, em 1946, logo após a Segunda Guerra Mundial, Emmi Pikler assumiu a direção do Instituto Lóczy, um orfanato que acolhia bebês e crianças pequenas. A partir de suas análises já observadas anteriormente, Pikler desenvolveu seu novo sistema de educação, sendo criticada por todos e tendo que formar uma nova equipe que adotasse sua metodologia de trabalho. Foi desacreditada pelos órgãos oficiais da época por tamanha ousadia, e deixou de receber as verbas para manter a instituição, mesmo assim, contrariando a todos com seu empenho e dedicação, a instituição manteve-se firme em seus trabalhos comprovando sua metodologia. Em 1970, o Instituto Lóczy transformou-se em Instituto Nacional Metodológico para a atenção e educação dos pequenos e após a morte de Emmi Pikler passou a ser conhecido como Instituto Emmi Pikler.

2.2 Abordagem Pikler

Emmi Pikler (1943) parte da premissa de que o bebê já nasce um ser ativo, capaz de se relacionar com o adulto de referência. Dalledone; Coutinho cita na revista Zero a Seis (2020, p. 53-68), que de acordo com Appell e David (2010), Falk (2011), Guimael (2015) e França (2009), estes princípios são sintetizados em apenas quatro princípios da abordagem Pikler-Lóczy:

1. O profundo respeito pelo bebê e sua individualidade, reconhecendo-o como sujeito de direitos;
2. A valorização da atividade autônoma do bebê, baseadas em suas próprias iniciativas, aliada ao foco gradativo no desenvolvimento da autonomia;
3. A importância do vínculo entre adultos e bebê, construído com base em uma relação afetiva privilegiada e de qualidade nos momentos de cuidados;
4. A liberdade de movimentos, para o brincar livre e uma livre exploração de si mesmo e do entorno.

Pikler (1943) em todos seus anos de estudos conclui que crianças se movem a partir dos 03 a 04 meses de vida e que estes movimentos as ajudam para que se desenvolvam a partir dos próprios impulsos e com esse desejo de ir atrás dos brinquedos e com a nossa organização do espaço e brinquedos instigantes vai ocorrendo o desenvolvimento de forma harmoniosa e prudente.

Nesta pesquisa enfatiza-se: a valorização da autonomia do sujeito; o vínculo entre o adulto e o bebê; a liberdade de movimento e o brincar livre. Será abordado

estes três últimos tópicos deste capítulo, reconhecendo que cada bebê tem sua subjetividade, além de ser um sujeito de direito, merecendo que seja valorizado. Para esta abordagem, a noção de criança é de um ser ativo e competente, sempre havendo a necessidade do professor de realizar os cuidados com atenção, dedicação e sensibilidade, respeitando os tempos dos bebês e das crianças pequenas.

Conejo citado por Dalledone e Coutinho (2020, p. 59), nos remete às premissas de que, durante os primeiros anos de vida, a aprendizagem se desenvolve em uma interação constante e mútua com a corporeidade. O bebê se abre ao seu mundo por meio dos sentidos e vai integrando todas as experiências e vivências à sua constituição física, compreendendo o mundo segundo a percepção de si próprio.

Assim, a construção do vínculo afetivo, principalmente durante os cuidados com a criança é um ponto importante a ser levado em consideração. Quando o bebê tem um relacionamento seguro com o adulto, ele começa a se conectar consigo, com o outro e com o mundo externo. O adulto tem que construir um vínculo muito forte com ele, mas ao mesmo tempo se abster para que o bebê tenha contato com ele mesmo. O bebê vai se constituindo aos poucos como sujeito, e essa construção se dá a partir da relação com o adulto de referência. Essa segurança vai se fortalecendo e na medida em que isso ocorre, a criança vai se desenvolvendo como um todo. A importância de o bebê saber que pode confiar no olhar, no toque, no cuidar do adulto, até mesmo nas trocas de fraldas, na alimentação e na hora do sono e saber que o adulto vai estar ali por ele, mesmo que em um segundo plano é de extrema importância.

2.2.1 Como promover um cuidado sem que este seja mecânico? Como proporcionar afeição e cuidado no mesmo momento?

Para Pikler (1943) os cuidados coletivos ou individuais têm de ser planejados, com paciência, seguindo o ritmo da criança, com respeito e indispensavelmente com o diálogo, mesmo que ela não compreenda tudo tem que ocorrer com bastante conversa e dedicação para que futuramente ela possa reconhecer suas competências promovendo o desenvolvimento de sua autonomia.

Rotinas com cuidados essenciais (higiene, alimentação e sono) sendo compartilhada com um adulto referência, onde a criança se sinta protagonista e possa entrar em contato consigo e com suas necessidades, e quando o adulto reage positivamente aos seus estímulos, ela descobre que está em contato também com o mundo exterior e se vê como alguém que dá e recebe atenção. Para que o vínculo afetivo seja mais concreto, tem que haver uma assiduidade da cuidadora, que na linguagem pedagógica atual utilizamos educadora por exigência desta profissional ser uma pedagoga, garantindo uma relação mais estreita e um conhecimento melhor da subjetividade de cada bebê, proporcionando um atendimento mais qualificado.

No Instituto Pikler-Lóczy, as educadoras criaram uma coreografia intencional dos gestos adultos no cuidado com os bebês. Assim, o banho e a troca, por exemplo, seguem um passo a passo em que o bebê pode ir, aos poucos, percebendo tais cuidados e internalizando-os para que posteriormente eles mesmos participem desta rotina. Essa percepção possibilita ampliar sua participação nos cuidados de seu corpo e pode iniciar uma colaboração com a educadora em seu próprio cuidado. Por isso, as educadoras sempre anunciam o gesto para as crianças e anseiam sempre algum nível de resposta como um olhar, um movimento, com isso, nunca impõem um gesto sem a colaboração da criança. O respeito do adulto à personalidade da criança em formação dita todas as suas atitudes, que procedem de uma compreensão inteligente das necessidades infantis. A tudo isso se pode chamar de comunicação emocional, que contribui essencialmente com o desenvolvimento da autonomia.

2.2.2 O tônus corporal, a mímica, os gestos e os movimentos do bebê

O tônus corporal, a mímica, os gestos e os movimentos do bebê, devem ser considerados e observados, para que haja um verdadeiro diálogo com ele de uma forma harmoniosa, para que a criança possa ir se conectando com si mesma e com o adulto referência e essa reciprocidade é um item muito valorizado na Abordagem Pikler.

O papel do adulto é um papel delicado, ao mesmo tempo que tem que passar segurança para a criança e ser convictos do seu papel, tem que dar espaço para o bebê para que ele não fique passivo e se torne cada dia mais ativo dentro desta relação. Neste ponto que se fala da autonomia, porque ao mesmo tempo que o bebê

é dependente do adulto para a sua sobrevivência, ele também já tem algo que sabe fazer com autonomia em cada fase. Então o adulto tem que se vigiar para que não faça por ele o que ele já consegue fazer sozinho.

Deve-se respeitar o seu tempo e sua individualidade, proporcionando um ambiente rico de interações entre crianças e objetos, crianças com outras crianças, e crianças com adultos. A interação deve começar dentro do berço, entre o bebê, os objetos que o rodeiam e o seu próprio corpo. Logo mais, o bebê já começa a engatinhar, a interagir com o espaço, com outros bebês e com os brinquedos que eles têm acesso. Quando a criança começa a andar, ela começa a descobrir novos horizontes, a explorar novos espaços e outras dimensões. Com a descoberta das novas funções do seu corpo ela começa desenvolver mais confiança e segurança nos seus movimentos e a interagir com mais autonomia diante do ambiente.

2.2.3 A criança e o brincar livre

Para este princípio, é necessário deixar as crianças livres, com roupas leves, com um espaço adequado, com o chão rígido, porque quanto mais duro for, mais leve fica para o bebê se movimentar. É preciso dar liberdade para que a criança escolher o que quer e como quer brincar. Com essa liberdade, seus movimentos serão mais naturais e autônomos e sua postura mais relaxada e segura, assim ela ficará mais confiante nas suas ações.

Para a criança, a liberdade de movimentos significa a possibilidade, nas condições materiais adequadas, de descobrir, de experimentar, de aperfeiçoar e de viver, a cada fase de seu desenvolvimento suas posturas e movimentos. Por isso, tem a necessidade de um espaço adaptado aos seus movimentos, de roupa que não atrapalhe, de um chão sólido e de brinquedos que a motivem. (TARDOS; SZANTO-FEDER apud DALLEDONE; COUTINHO, 2020, p. 63).

O uso de implementos é outro fator muito importante numa sala de bebês. Os implementos na Abordagem Pikler são os cercados, escadas, rampas, caixas e plataformas de madeira, que passam a ser desafios naturais e seguros onde os pequenos poderão conquistar seu corpo de modo independente e autônomo. Eles aprendem a entreter e estimular a si próprios, explorando o que os seus corpos podem fazer, interagindo com o ambiente preparado e com os outros bebês ao seu redor.

Para Pikler (1943), o espaço, o material e o olhar da educadora, são necessários para o desenvolvimento da criança, pois não se trata apenas de desenvolvimento motor, mas sim, em pensar a criança na sua integridade. É por meio das brincadeiras que os bebês e as crianças bem pequenas vão incorporando noções deles mesmos, do outro e do mundo, conhecendo a si e dominando a noção de espaço e tempo. É de grande importância que o adulto referência permita que os bebês e as crianças bem pequenas tenham momentos para brincarem sozinhas, pois estes, possibilitam que elas se tornem ativas e que tenham mais iniciativas no decorrer do seu desenvolvimento. Para que isso ocorra é necessário criar condições para que estas brincadeiras se concretizem.

Com o espaço estruturado nos lares, berçários e escolas de Educação Infantil que proporcionam à criança o brincar livre, e durante esta atividade o adulto referência consciente e preparado irá oferecer objetos que despertem o interesse e a curiosidade de investigação dos bebês e das crianças bem pequenas, sem que ele precise participar de forma direta deste brincar.

O quadro abaixo apresenta a relação do desenvolvimento infantil com o brincar, de acordo com essa investigação e com os levantamentos da fundamentação teórica:

Quadro 1 – Relação do desenvolvimento infantil com o brincar

Primeiros meses de vida	Interações lúdicas com a pessoa cuidadora	Corpo do adulto, como mãos, cabelos, barba, expressões faciais; e adereços dos adultos, como óculos, brincos, colares, entre outros.
	Observa primeiramente movendo sua cabeça e seus olhos; depois abre, fecha, engancha uma mão na outra	“Mão do bebê”
Entre 2 ou 3 meses de idade a seis meses	Movimentos de contato com os objetos; as sensações que estes despertam e provocam; Manipulam apenas um objeto de cada vez.	Objetos que possam pegar parcial ou totalmente com uma só mão: bola de vime, animal ou boneca feitos de tecido sem guizos, argolas pequenas; um pano de algodão suave e colorido, que chame sua atenção; enfim, objetos de pano, borracha, madeira, elementos da natureza e de uso do cotidiano.
	Estica suas mãos para o objeto, o empurra, observa como se move, pega, sente, leva para o rosto, boca e passa de uma mão para a outra.	

6 meses de idade	Manipulam os objetos para veros efeitos e as propriedades físicas sobre os objetos.	Objetos com as mais variadas texturas, de uso doméstico, da natureza, objetos menores para “deixar cair” e servem para encaixar em outros.
1 ano de idade	Manipula mais de um objeto de uma vez; coleciona, agrupa, empilha, encaixa um objeto no outro.	Continuam os mesmos objetos citados acima e acrescenta cestos, bacias, caixas de sapato, bolsas de tecido, recipientes, tigelas.
2 anos de idade	Escolhem e recolhem os objetos que utilizarão para fazerem construções ou para o brincar simbólico	Os mesmos objetos citados acima.

Fonte: Fochi et al. (2017).

A partir deste quadro pode-se analisar o quanto os pequenos precisam do brincar livre para se conhecer e para explorar a si e o mundo, percebe-se que com objetos simples e de fácil acesso as crianças conseguem se desenvolver e conquistar gradativamente sua autonomia.

Toda essa trajetória não ocorreria sem o papel excepcional do profissional de educação bem qualificado e com um olhar atento para esse cuidar que educa, tendo a necessidade de se constituir pesquisadores, mediadores, capazes de dialogar e escutar atentamente as crianças, observando o seu jeito de ser e estar no mundo, considerando as suas experiências e vivências. Compreende-se que as crianças têm um grande potencial desde muito cedo, comunicam-se, emitem mensagens e leem o mundo. E, gradualmente, vão se desenvolvendo, cada uma a seu tempo e a seu modo. Nesse processo, a escuta e a espera são fundamentais.

Ao aprofundar na Abordagem Pikler (1943) percebe-se que o bebê e a criança estão sempre em desenvolvimento, então eles vão evoluindo gradualmente, as vezes são em pequenos detalhes, alguns estudiosos chamam a Abordagem Pikler de Pedagogia dos Detalhes. O professor ao propor uma atividade a criança precisa observar as minúcias para perceber o seu processo de desenvolvimento, por isso o adulto de referência precisa respeitar o bebê naquilo que está fazendo mesmo não o compreendendo.

A observação da criança no ambiente em que se encontra e que está acostumada é necessária, deve-se manter a brincadeira e evitar mudar os objetos localizados no ambiente, e deixa-la à vontade, descalça, com uma roupa que permita sua movimentação livre, em um chão firme, sem querer criar ou forçar

estímulos diferentes. A observação é a hora de conhecer melhor a criança para poder ajudá-la no seu desenvolvimento. O professor tem que pensar no seu cotidiano e criar uma rotina de forma que favoreça a observação, porque são nesses momentos que ele irá tirar subsídios para melhorar esse conteúdo pedagógico, que pode ser modificado para ajudar ainda mais o desenvolvimento de cada um na sua singularidade.

Emmi Pikler (1997) observava as crianças brincando livremente com objetos conhecidos, isso é bem diferente de levar a criança para lugares desconhecidos ou um profissional da saúde colocá-la em determinadas posições para avaliá-la se ela já consegue permanecer nelas. Isso a motivou a construir um quadro com prazos maiores para as aquisições motoras. Essa pesquisa foi publicada na Argentina em 1997 no livro *Mirar al Nino - La Escala de Desarrollo* – Instituto Pikler Lóczy, da autora Judit Falk – uma grande estudiosa de Emmi Pikler e da abordagem.

Esse quadro foi realizado a partir da observação de 722 crianças, sendo utilizada para acompanhar o desenvolvimento global da criança no coletivo. Foi construída a partir da observação de bebês e crianças que viviam na instituição em Budapeste, sendo que a equipe de Emmi Pikler tinha total controle dessa amostragem, conhecia muito bem cada criança, sabia como elas eram cuidadas, como elas se comportavam durante o dia e também a noite. Então não se pode considerar totalmente esses dados quando as crianças que se observa não se desenvolvem com liberdade de movimento ou são ajudadas pelos adultos na manutenção dos seus dados motores. A escala de desenvolvimento desenvolvida por ela considera cinco áreas do desenvolvimento infantil a serem observadas, essa é escala referente a motricidade livre: Desenvolvimento motor; Atitudes durante os cuidados cotidianos; Aquisição do controle dos esfíncteres; Desenvolvimento da inteligência através da coordenação Visio manual das atividades de manipulação e do brincar; O desenvolvimento da vocalização e da palavra.

O quadro apontou os seguintes dados: Virar de lado pode acontecer entre três e sete meses; Virar de barriga para baixo entre quatro e oito meses; Girar repetidamente entre quatro e nove meses; Deslocar-se rodando entre seis e dez meses; Rastejar entre sete e treze meses; Colocar-se semi sentada entre oito e quatorze meses; Sentar-se sozinho entre nove e dezesseis meses; Brincar sentado entre dez e dezessete meses; Permanecer sentado em uma cadeira, entre doze e vinte e um meses; Engatinhar entre oito e dezesseis meses; Ajoelhar-se entre nove

e quinze meses; Colocar-se em pé segurando entre nove e dezesseis meses; Dar passos se sustentando com as mãos entre dez e dezessete meses; Colocar-se em pé livremente entre doze e vinte e um meses; Dar passos sozinhos entre doze e vinte e um meses; Caminhar entre treze e vinte e um meses; Subir a escada com um dos pés e colocando o outro em seguida em cada um dos degraus entre quinze e vinte e sete meses; Subir a escada alternando os pés nos degraus entre vinte e quatro e trinta e três meses.

Ou seja, se não apressar o desenvolvimento motor do bebê com treinamentos e ajudas, ele pode fazer suas conquistas mais tarde, mas com muito mais qualidade e segurança. Dessa forma, Emmi Pikler (1997) colaborou muito conosco para acompanhar e promover esse desenvolvimento tão importante do início da motricidade do ser humano. Esta abordagem de Emmi Pikler é de fundamental importância que todos os profissionais da educação que trabalham com bebês e primeira infância tenham conhecimento teórico e prático para trabalhar pedagogicamente com este público, no entanto esta autora é pouco estudada no curso de Pedagogia.

CAPÍTULO 3

UM OLHAR SOBRE A ABORDAGEM PIKLER

3.1 Emmi Pikler (1943) e Jan Piaget (1978)

A parte da teoria de Jean Piaget (1978) que podemos relacionar com a Abordagem Pikler (1943) é a fase sensório motor que estuda a criança até os seus dois anos. Jean Piaget revolucionou o modo de encarar a educação das crianças ao mostrar que elas não pensam como os adultos e constroem o seu próprio aprendizado, ele define como desenvolvimento cognitivo-evolutivo, em que a criança assimila, acomoda e se adapta, todas estas informações complementam entre as ações e o conhecimento e a aprendizagem.

Para Jean Piaget (1978) a assimilação implica uma integração de informações novas a uma estrutura anterior, ou mesmo a constituição de uma nova estrutura sob a forma de um esquema, num processo de adaptação ao meio. Representa um processo contínuo, já que constantemente estamos interpretando nossa realidade, além de complementar mutuamente o processo de acomodação, buscando constantemente um equilíbrio. A acomodação consiste na capacidade de modificação da estrutura mental antiga para dar conta de dominar um novo objeto do conhecimento. Quando a criança assimila e acomoda, ocorre a equilibração, e é por meio dela que se mantém um estado de equilíbrio ou de adaptação em relação ao meio e ela forma a sua percepção e adaptação da realidade.

Para Jean Piaget (1978) o estágio sensório motor que é de zero a dois anos, a criança passa do nível neonatal, marcado pelo funcionamento dos reflexos inatos, para outro em que ela já é capaz de uma organização perceptiva e motora dos fenômenos do meio. A consciência dela sobre o meio externo se expande lentamente, conforme suas ações e se deslocam de seu próprio corpo para os objetos. O bebê vai coordenando percepções sensoriais e comportamentos motores simples a fim de conhecer o mundo que o cerca. Em seu desenvolvimento, ele vai adquirindo a capacidade de perceber a permanência do objeto e desenvolve reações circulares, iniciando suas representações simbólicas. Reconhecem o mundo externo e o exploram deliberadamente.

Percebe-se que a Abordagem Pikler de certa forma concorda em alguns aspectos com a teoria de Jean Piaget, pois ela acredita que na fase de zero a dois

anos, o bebê está sim conhecendo o mundo, mas não necessariamente neste ritmo e ordem cronológica definido pelo Jean Piaget. Pikler percebe em sua abordagem que cada criança possui seu ritmo e sua singularidade e que o desenvolvimento dela irá depender do vínculo afetivo com o adulto de referência, com a forma de organização do ambiente, que a criança deve ser incentivada o tempo todo a exercer a sua motricidade e seu tônus corporal, mas sem a interferência direta do adulto. Porém, diferente de Piaget, Pikler não estipula um tempo cronológico para que esse processo de exploração, desenvolvimento e aprendizagem ocorra, isso deve acontecer de forma espontânea e autônoma.

3.2 Emmi Pikler (1943) e Vygotsky (2001)

Para Vygotsky (2001) o ser humano envolve-se com o mundo por meio de uma relação mediada e não direta, nesta teoria Vygotsky ressalta o conceito mediação que é: “quando o homem não se relaciona diretamente com o mundo, sua relação é mediada pelo conhecimento construído pelas gerações precedentes, pelos instrumentos físicos ou simbólicos (signo, linguagem) que se interpõem entre o homem e os objetos e fenômenos”. Emmi Pikler (1943) segue essa linha de raciocínio, porém ela discorda quando Vygotsky diz que essa mediação não é direta, porque se o professor interfere nas ações da criança, ele atrapalha e dificulta o desenvolvimento da aprendizagem e da autonomia dela. Quando se fala de Zona de Desenvolvimento Proximal se trata da distância entre o nível real de desenvolvimento, determinado pela capacidade de resolver independentemente um problema e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da resolução de um problema sob a orientação de um adulto ou em colaboração com outro companheiro mais capaz.

Por tanto no conceito de Emmi Pikler (1943) pode-se perceber que para ela existe a zona proximal e real, só que na sua perspectiva a criança deveria percorrer estas zonas sozinha e o professor é referência para o seu processo de ensino-aprendizagem, e uma segurança para que a criança tenha confiança e um suporte, mas que todo este movimento entre o proximal e o potencial, a criança consegue realizar sem a mediação direta do adulto e com autonomia naquele momento de aprendizagem. Como por exemplo: O professor organizar o ambiente para o bebê brincar é uma mediação indireta, a Abordagem concorda com essa medição, ela vai

contra quando o professor dentro deste ambiente aproxima os objetos da criança, ela acredita que ela tem potencial para chegar até ele com autonomia sem precisar dessa mediação direta.

3.3 Como a Abordagem Pikler pode efetivar o desenvolvimento da autonomia e a efetivação da inclusão na Educação Infantil?

Com a leitura dos autores citados acima percebe-se que os bebês passam pelas mesmas posturas e deslocamentos, mas por tempos diferentes, sendo importante respeitar o ritmo de cada um para que ocorra o seu bom desenvolvimento. Pikler (1943) faz uma crítica às teorias de marcos de desenvolvimento infantil trabalhadas pelos médicos da época, por considerar que eram muito rígidos, engessados, não muito diferentes dos que são usados atualmente. As teorias que abordam o desenvolvimento infantil não consideram a singularidade de cada bebê e com isso pode acabar atropelando e prejudicando o desenvolvimento dos que tem um ritmo um pouco diferente.

A Abordagem Pikler ficou conhecida também como a Pedagogia dos Detalhes, por ter esse olhar mais minucioso, atento, esse cuidado mais voltado para o bebê e a criança, a fim de criar vínculos que dê segurança e faça a criança acreditar e querer explorar si mesmo e o mundo. Contudo, desenvolvendo esta Abordagem, os bebês e as crianças são ativas e passam a se desenvolver baseadas na descoberta, iniciativa e na curiosidade.

Ao estudar esta Abordagem fica claro a importância da criança manter um vínculo de extrema segurança com o adulto de referência e como este vínculo a ajuda em seu desenvolvimento integral e também como afeta a criança quando este vínculo não é construído de forma concreta podendo causar até patologias emocionais e físicas.

A perspectiva da Abordagem Pikler é de muita valia para a Educação Inclusiva dentro da Educação Infantil, porquê se observar a singularidade de cada bebê e criança bem pequena e respeitar o seu tempo de desenvolvimento e seus limites, irá se ter no futuro crianças e adultos com um alto índice de desenvolvimento de aprendizagem e autonomia, com base no respeito e na escuta.

Para desenvolver a autonomia, primeiro a gente tem que quebrar todos os paradigmas e os preconceitos acerca das deficiências das crianças. O autor Alex

Duarte (2021) fala sobre o capacitismo em desconstrução, assim, quebrando todos os preconceitos diante as necessidades de inclusão e o capacitismo criado pela sociedade, consegue-se efetivar com a ajuda da Abordagem Pikler (1943) a autonomia nas crianças desde o nascimento.

Para compreender a palavra capacitismo Alex Duarte (2021) define que é o preconceito que tem como base a capacidade do outro.

[...] Um sentimento desfavorável, que vem antes da experiência, como uma opinião motivada por hábitos de julgamento ou generalizações apressadas. Ele vem acompanhado de vieses inconscientes, como conceitos antecipados que adquirimos devidos às influências culturais. [...] (DUARTE, 2021, p. 29).

Alex Duarte (2021) afirma que o capacitismo subestima o potencial das pessoas com deficiência. A sociedade (Homens e Mulheres de todas as idades, Governo, Instituições Educacionais, Família, etc.) muitas vezes separam as pessoas com necessidades de inclusão as excluindo e isso as impedem de aprender porque os professores acham que elas “não vão dar conta ou porque não vão conseguir”. Quando se pensa em Instituição Educacional, percebe-se que vários professores tem uma atitude pedagógica de não incluir as crianças com necessidades inclusão, com esta atitude só deixa mais claro o quanto as escolas inseridas na nossa sociedade deixa de investir tempo, sentimentos e recursos para pessoas com deficiência, pode-se falar isso tanto no sentido pessoal, pedagógico e político.

O mais cruel é que o capacitismo¹ é fruto de uma invenção do ser humano, que em algum momento da história fez o mundo acreditar em mentiras sobre as pessoas com deficiência e reproduzir de forma leviana, enganosa e cruel até os dias de hoje. Porém, para mudar o que se aprende até os dias de hoje é preciso querer. Precisa-se identificar de forma consciente: quais são os preconceitos?; e a partir deste ponto, mudar a forma de pensar. Normalmente alguns educadores tem pouco preparo pedagógico para decidir conscientemente a forma de analisar as suas crenças, aquilo que acreditam, as suas motivações e atitudes cotidianas, até porque eles são construídos cultural e socialmente.

¹ Capacitismo é a discriminação ou violências praticadas contra as pessoas com deficiência. É a atitude preconceituosa que hierarquiza as pessoas em função da adequação de seus corpos a um ideal de beleza e capacidade funcional. Com base no capacitismo, discriminam-se pessoas com deficiência.

Para Alex Duarte (2021) a neurociência ensina que o cérebro humano recebe milhões de informações por segundo, mas só se tem consciência de uma pequena parcela desse volume de informações. Com isso, a pessoa acaba fazendo associações automáticas que também vão resultar em suposições, estereótipos e também julgamentos. Isso é o que acaba moldando as atitudes em relação às outras pessoas e também criando o que se chama de viés inconsciente². O cérebro humano procura por padrões que ele considera mais importantes e vai criando alguns atalhos para reconhecê-los, só que esses atalhos possuem uma “desvantagem”, porque são tendenciosos e por consequência eles formam as crenças e é justamente esse sistema de crenças que define e afeta o comportamento humano, que vão resultar nas atitudes preconceituosas.

Enquanto as pessoas não assumirem o preconceito que tem, irão continuar negando, fugindo e/ou se protegendo. Ter a atitude de negar o capacitismo é mais fácil porque não o compromete, não o responsabiliza e culturalmente são levados a fazer isso para serem aceitos na sociedade. Quanto mais as pessoas continuarem a investir nesse processo de negação, de exclusão e segregação, mais se tornarão refém desses padrões viciosos. Para quebrar este círculo, dentro da sociedade, baseado em crenças e preconceitos deve-se começar pelo reconhecimento das suas próprias vulnerabilidades e admitir os seus erros, para o autor Alex Duarte (2021) reconhecer-se como capacitista é um ato de coragem para o início da desconstrução.

3.3.1 Porque se usa o vocabulário capacitista?

Quando o autor Alex Duarte (2021) define o capacitismo demonstrando que as crenças criadas pelas pessoas preconceituosas, também demonstra que elas são as responsáveis pela origem de vários termos, atitudes e expressões capacitistas. As palavras que naturaliza na fala no cotidiano e que normalmente tem o objetivo de atacar, criticar e também ridicularizar alguém, mesmo sem intenção é a maior prova de como inconscientemente a sociedade ao longo da sua história transmite o pensamento capacitista de geração para geração e de como as pessoas reproduzem isso sem se atentar a essa ação violenta e negacionista.

² São generalizações que as pessoas fazem sobre as características ou comportamentos de grupos sociais, a partir de situações e experiências que ele vivenciou ao longo da vida.

A mudança do vocabulário também é um processo de desconstrução, que acontece quando a pessoa consegue identificar as crenças capacitistas que carrega e também entender porque as reproduz. Expressões como: “retardado”; “aleijado”; “portador”; “você faz o que muita gente faz!”; “Tô cego de raiva!”; “Tá dando uma de João sem braço.”; “Ele é deficiente, mas até que é ativo.”; “Você tá surdo ou o quê!?”; etc. Por trás destas frases pode-se observar várias crenças capacitistas baseadas nas características das deficiências que uma pessoa pode ter. Quando reproduz essas frases demonstra uma atitude preconceituosa, capacitista e acaba deixando de lado as características da personalidade, da identidade, do intelecto e de diversas áreas que uma pessoa com deficiência tem além do diagnóstico.

3.3.2 Como trazer a desconstrução junto à Abordagem Pikler

O professor precisa ter coragem, ousadia, maturidade, inteligência emocional, empatia e muito estudo para desenvolver-se e ajudar-se a adquirir a responsabilidade na sua profissão, para construir o anticapacitismo e também para se tornar uma pessoa aberta à inclusão. Deve-se entender que se trata de uma transformação cultural, que começa pela mudança dos comportamentos e atitudes, e as três esferas mais importantes na nossa sociedade para ocorrer essa mudança, que são: família, escola e mercado de trabalho. São três lugares que as pessoas passam o maior tempo de sua vida.

Precisamos entender que quando alguém trata uma pessoa com deficiência diferente das outras que estão ao seu redor, todos sentirão no direito de fazer o mesmo - para o bem ou para o mal. Se faz necessário cobrar de todos a mesma responsabilidade, tanto da pessoa com deficiência quanto dos outros cidadãos que deverão aprender os seus limites e perceber que todos são diferentes e tem as suas individualidades e especificidades.

Trazendo o que Alex Duarte (2021) trabalha em todo o seu livro “Capacitista em desconstrução” e aliando com a Abordagem Pikler (1943), o professor com este conteúdo consegue de maneira mais clara efetivar a inclusão na sala de aula desde os primeiros anos da Educação Infantil.

Tendo em vista que deve valorizar as competências e as habilidades das crianças, independente se há necessidade de inclusão, porque quando elas se sentem úteis e valorizadas, o sentimento de pertencimento vai florescer nelas e este

sentimento as ajuda no empoderamento. Uma criança que cresce sendo empoderada, segundo os dois autores e estudiosos citados acima, não necessita da superproteção, irá se desenvolver a partir dos movimentos livres e do brincar livre e o desenvolvimento cognitivo e o desenvolvimento de sua autonomia serão maiores.

Quando o professor em sala de aula conseguir trabalhar a desconstrução dos pensamentos capacitistas com as crianças desde os seus primeiros meses de vida e incentivá-las, as mesmas não irão sofrer quando alguém dizer para elas algo negativo. A Abordagem Pikler aliada a “criação anticapacitista” é uma forma de educar e cuidar das crianças com necessidades de inclusão de uma maneira que não as exclua da sociedade, mas que mostre a elas que elas são importantes e capazes. Além disso, não “alimentar” o pensamento preconceituoso nas crianças que convivem com estas que não possuem nenhuma necessidade de inclusão, mostrando que não há nada que as impedem de viver uma vida “normal”, fazendo com que os pensamentos capacitistas sejam quebrados pela convivência, pelos laços e pela educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa, realizada em um tempo de pandemia, em tempo de perdas provocada pela Covid 19, surge a necessidade de isolamento social e da falta de políticas públicas para conter o avanço do vírus por parte do Governo Federal. A pesquisa do TCC nos levou a perceber a importância dos estudos científicos, das ciências humanas e da própria pesquisa.

Sei que muitos vão pensar que estou ficando louca, que isso tudo não passa de uma utopia de Educação que muitas já imaginaram, mas eu tenho certeza que tudo que a gente imaginar para a Educação no Brasil será uma utopia e se não começarmos a mudar sempre vai continuar a mesma coisa!

Comecei aceitando que EU SOU PRECONCEITUOSA, que tenho sim que mudar os meus pensamentos, então como fala Alex Duarte (2021), estou me desconstruindo. Se você, você e você não tomar coragem de mudar seus pensamentos, e aceitar-se como pessoa preconceituosa, precisará, com urgência, mudar os seus conceitos para mudar o seu ponto de vista em relação ao outro. Esse modelo de Educação que apresentei não for aderida pelos os educadores da primeira infância, realmente a proposta nunca vai passar de uma utopia, e nossas crianças vão continuar a crescendo numa sociedade que constroem pensamentos preconceituosos, capacitistas e cada vez mais excludentes e que infelizmente na sociedade são cada vez mais prejudicadas.

A Educação Infantil em si, é inclusiva, não só de crianças com necessidades específicas, mas também com criança pobre, favelada, que não têm acesso ao material pedagógico, a tecnologia, a mais tímida, aquela que precisa ser mais ouvida, as que têm dificuldade de ler porém são ótimas em matemática dentre outras dificuldades. Portanto, se cada uma tem uma especificidade e se a gente não consegue observar suas necessidades, escutar atentamente a cada uma e todas elas, nós educadores não conseguiremos ajudar a desenvolver a aprendizagem e a autonomia destas crianças. Por tanto, os educadores da Educação Infantil precisam, de fato, fazer acontecer a educação inclusiva independente se há uma criança com necessidade de inclusão. Alex Duarte fala que genética não é destino, portanto também afirmo que se apegar ao discurso puramente da genética não é destino e nem uma escolha, mas um preconceito, pois todas as crianças são capazes de aprender e se desenvolver.

Quando uma criança se desenvolve num ambiente saudável e de pessoas capacitadas, ela se sentirá livre com o apoio e segurança do adulto para fazer aquilo que se sentir capaz, e sendo uma criança com necessidade de inclusão irá entender que não precisará da superproteção de seus pais e educadores, não se limita aos comentários capacitistas que a nossa sociedade tem o hábito de usar, pois está sendo educada para acreditar em si mesma, no que tem condição de fazer e alcançar, no seu potencial.

Acredita-se que se os professores desenvolverem a Abordagem Pikler (1943) no seu trabalho pedagógico cotidiano e inserindo atitudes de desconstrução do capacitismo, irão conseguir desenvolver crianças que no futuro serão adultos mais autônomos, mais independentes e mais confiantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

AUTONOMIA. In: **Michaelis**. Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Melhoramentos, 2021. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=autonomia>. Acesso em: 16 abr. 2021.

BAQUERO, R. **Vygotsky e aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm . Acesso em: 17 de abr. de 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Básica**. Brasília: MEC/SEB/DICEI, 2013. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13448-diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf&Itemid=30192 . Acesso em: 17 de abril de 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei n. 12.796, de 4 de abril de 2013**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. Brasília: MEC, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. **Conceito de inclusão**. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/pnee-1/inclusao> Acesso em: 15 de abr. de 2021.

CAPACITISMO. O que é Capacitismo? **Inclusive**: inclusão e cidadania. 2016. Disponível em: <https://www.inclusive.org.br/arquivos/29958> . Acesso em: 08 de set. de 2021.

CARVALHO, Rosita Elder. O Direito de ter direito. In: **Salto para o futuro**. Educação Especial: tendências atuais. Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação, SEEP, 1999.

CUNHA, Marcos Vinicius. **Psicologia da educação**. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2002.

DALLEDONE, Giovanna Castro; COUTINHO, Ângela Scalabrin. As contribuições da abordagem Pikler-Lóczy para a constituição de uma pedagogia para os bebês: uma análise dos princípios orientadores. Florianópolis, **Zero-a-Seis**, p. 47-72, abr. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/article/view/1980-4512.2020v22n41p47>>. Acesso em: 10 de abr. de 2021. (ISSN 1980-4512).

DECLARAÇÃO de Salamanca. UNESCO, Espanha, 1994. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf> . Acesso em: 28 de abr. de 2021.

DORON, Roland; PAROT, Françoise. **Dicionário de psicologia**. São Paulo: Donnelley Cochrane, 2001.

DUARTE, Alex. **Capacitista em desconstrução**. Um guia para transformar seus preconceitos em oportunidades de inclusão. Porto Alegre: Champion, 2021.

DUDH. Declaração Universal dos Direitos Humanos. Nações Unidas. Resolução 217 (III) A, Paris, 1948. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso em: 28 de abr. de 2021.

FALK Judit. **Mirar al Nino**: la escala de desarrollo. Argentina: Instituto Pikler Lóczy, 1997.

FALK, Judit (Org.). **Educar os três primeiros anos**: a experiência de Lóczy. Araraquara: Junqueira & Marin, 2011.

FERREIRA, Aurélio. **Mini Dicionário da Língua Portuguesa**. 8 ed. São Paulo: Positivo, 2010.

FOCHI, P. S., DRECHSLER, C. F. B., FOESTEN, P. da S.; DE OLIVEIRA, C. C. A Pedagogia dos detalhes para o trabalho com bebês na creche a partir dos pressupostos de loczy. **Olhares**: Revista do Departamento de Educação da Unifesp, v. 5, n. 1, p. 35-49, 2017. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/olhares/article/download/640/236/>. Acesso em: 15 de abr. de 2021.

FREITAS, Danielli Xavier. **O direito à educação nas constituições brasileiras**. Brasil, 2014. Disponível em: <http://jus.com.br/artigos/29732/o-direitoaeducacao-nas-constituicoes-brasileiras/1> . Acesso em: 25 de ago. de 2021

INCLUSÃO. In: **Michaelis**. Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Melhoramentos, 2021. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?id=7mp9e> Acesso em: 15 de abr. de 2021.

MARTINS, Dal Forno Gabriela; STERNBERG, Priscilla Wagner; ROZEK, Marlene. **Infância e inclusão**: princípios inspiradores da atuação na educação infantil. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

OLIVEIRA, Zilda de Moraes Ramos de. Educação infantil: fundamentos e métodos. In: **Os primeiros passos na construção das ideias e práticas de educação infantil**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2011. (Coleção Docência em Formação).

PIAGET, Jean. **A Epistemologia genética**: sabedoria e ilusão da filosofia. Problemas de psicologia genética. Trad. Nathanael S. Caixeiro, Zilda Daeir e Célia Piero. São Paulo: Abril cultural, 1978.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. Petrópolis: Vozes, 1997.

SANTOS, Tatiana; BARBOSA, Regiane da Silva. **Educação inclusiva**. Londrina: S.A, 2016.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SOARES, Suzana. **Educação dos 0 aos 3 anos: introdução à Abordagem Pikler**. 2021. Disponível em: <https://app.nutror.com/v3/curso/aac4619d0aa694f04db92e99baf28f95f8651192/educacao-dos-0-aos-3-anos-introducao-a-abordagem-pikler> . Acesso em: 06 de maio de 2021.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 2001.